

CAMINHADAS GUIADAS PELO TURÍSTICO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS-MA – PAISAGEM: COMO SE FAZ

José Arilson Xavier de Souza

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
Departamento de Geografia, São Luís, MA, Brasil
arilsonxavier@yahoo.com.br

Maria Tereza Duarte Paes

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Instituto de Geografia, Campinas, SP, Brasil
paes.tereza@gmail.com

RESUMO

Caminhar pela cidade é uma prática espacial que assume diversas conotações, entre elas, a turística e educacional. Seguindo tal perspectiva, no presente artigo trataremos de caminhadas guiadas. Neste sentido, por possuir fortes aproximações com significados patrimoniais, interessamo-nos pela paisagem turística do centro histórico de São Luís-MA, admitindo ainda o caminhar como fundante metodologia de pesquisa. Buscamos, assim, identificar e perscrutar representações sobre a cidade e sobre a paisagem veiculadas nos roteiros e nos processos em curso. Enquanto plano empírico, selecionamos quatro categorias de roteiros, quais sejam: i) público-espetacular; ii) guiamento turístico privado; iii) educacional; iv) temática. Ao interpretarmos o poema “Paisagem: como se faz”, de Carlos Drummond de Andrade, traduzimos a hipótese de que a paisagem não existe: ela se faz caminhando pelo espaço. Com efeito, concluímos que os sujeitos guiados participam ativamente da experimentação de mundo da qual são praticantes, o que faz do roteiro turístico um dado objetivo, mas também subjetivo.

Palavras-chave: Caminhar. Paisagens Patrimoniais. São Luís do Maranhão.

GUIDED WALKS THROUGH THE TOURISTIC HISTORICAL CENTER OF SÃO LUÍS, BRAZIL – *LANDSCAPE: THE WAY IT'S DONE*

ABSTRACT

Walking through the city is a space practice which takes many connotations, among these, the touristic and educational. Following such perspective, in this article we will be dealing with guided walks. In this regard, as it has strong rapprochement to heritage meanings, we are interested in the touristic landscape of the historic center of São Luís, Brazil. This way, seeking to identify and explore representations about the city and the landscape transmitted on the itineraries and on the ongoing processes. As an empirical plan, we have selected four categories of itineraries, as follows: i) public spectacular; ii) private guided tourism; iii) educational; iv) thematics. As we take advantage of the poem “Landscape: As It's done”, Carlos Drummond de Andrade, we reflect the idea that the landscape does not exist: it's done by walking through the space. In fact, we conclude that the guided subjects actively participate in the experimentation of the world of which they are practitioners, which makes the tourist itinerary a given objective, but also subjective.

Keywords: Walk. Patrimonial Landscapes. São Luís, Brazil.

INTRODUÇÃO: “ESTA PAISAGEM? NÃO EXISTE”

A paisagem não existe. Ela se faz caminhando pelo espaço. Ativa-se, assim, o “espaço da paisagem”: “espaço tal como o corpo o entende e o descreve pelos seus movimentos e situações, pelas suas condutas. Nem objetivo, nem subjetivo: é o aspecto do mundo ao qual se dirige e se prende o corpo” (BESSE, 2014, p.192). Esta é a hipótese traduzida nas palavras que se seguem, escritas em relação à geografia e ao turismo e reunidas ainda de modo a tirar proveito do poema “Paisagem: como se faz”, de Carlos Drummond de Andrade (1992), utilizado acima como epígrafe. Com efeito,

recapturamos trechos do poema a fim de darmos cabo ao título, passagens e reflexões contidas no texto¹.

Interessamo-nos pela paisagem e por ela nos deixamos guiar quando caminhamos, pesquisamos e, agora, escrevemos a respeito do turístico centro histórico da cidade de São Luís - MA. Admitindo, então, “caminhadas pela cidade” como fundante metodologia de pesquisa (CERTEAU, 2014), fomos conduzidos por roteiros que discorreram sobre a potência de um sítio histórico, arquitetônico, e reconhecidamente patrimonial (ANDRÉS, 1998; WALL; BRAGA, 2014).

Esclarecemos, desde já, que não nos estenderemos quanto às narrativas escutadas por nós, isso porque seria um enorme desafio, haja vista a extensão das mesmas. Buscamos, pois, identificar e perscrutar representações sobre a cidade e sobre a paisagem veiculadas nos roteiros, algo traduzido pela seguinte questão: mediante às caminhadas guiadas, por quais camadas de significados se faz a paisagem turística do centro histórico de São Luís?

O nosso plano empírico, selecionou, mediante vivências e observações prévias no centro histórico, lógicas específicas de roteiros, o que ilustramos em quatro categorias: i) público-espetacular; ii) guiamento turístico privado; iii) educacional; iv) temática. Nesta ordem, falamos, pois, i. do roteiro Segredos Históricos, promovido pela Secretaria de Turismo de São Luís (SETUR-MA), que, gratuitamente, conduz turistas e ludovicenses, acompanhado por nós em 15 de setembro e 11 de novembro de 2021; ii. de roteiros desenvolvidos por guias associados, oportunidades em que um guia contratado pode assistir turistas e ludovicenses, como presenciamos em 7 de julho e 22 de setembro de 2021; iii. de aulas de campo organizadas pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), que tiveram como público os próprios alunos, como percebemos em 21 de setembro e 27 de novembro de 2021; iv. do roteiro Caminho Ancestral, proposto pelo Instituto Da Cor ao Caso, vivenciado por nós em 27 de novembro e 4 de dezembro de 2021. Assim sendo, para as reflexões em pauta, selecionamos oito experiências nas quais estivemos em campo, totalizando cerca de trinta horas de trabalho.

À frente discorreremos melhor sobre os caracteres dos roteiros mencionados, mas, até lá, elucidamos que existem outras qualificações de roteiros no centro histórico de São Luís, sejam aqueles promovidos pela prefeitura ou Estado, como os roteiros de cunho gastronômico, sejam os roteiros alvitados pelas associações de guias de turismo que ali trabalham, sejam outras qualificações de aula de campo, inclusive de escolas, ou ainda roteiros desenvolvidos por outras instituições sociais.

Encontramos em Michael de Certeau (2014), quando o autor escreve sobre as artes de fazer, palavras que tomamos de empréstimo no sentido de ainda refletirmos a nossa ideia de pesquisa:

Mais que das intenções, eu gostaria de apresentar a paisagem de uma pesquisa e, por esta composição de lugar, indicar os pontos de referência entre os quais se desenrola uma ação. O caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou ziguezagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo. Somente algumas dessas presenças me são conhecidas. Muitas, sem dúvida, mais determinantes, continuam implícitas – postuladas ou dados estratificados nesta paisagem que é memória e palimpsesto. O que dizer desta história muda? (CERTEAU, 2014, p.35).

Enquanto geógrafos, o que pretendemos é apresentar a paisagem do centro histórico de São Luís, problematizando representações a partir da pesquisa que desenvolvemos. Assertivos, tendo em mente indicar os pontos de referência pelos quais se desenrola a ação das caminhadas guiadas, inscrevemos nossos passos naquele terreno habitado há muito tempo, presença extremamente provocadora para nós, porque ali os significados se estratificam numa paisagem que se faz memória e palimpsesto. Em tais circunstâncias espaciais, para existir, o turismo ecoa a história da cidade, do e no centro. Os roteiros turísticos-educacionais – “maneiras de caminhar” pertencentes às “maneiras de fazer” –, representam narrativas que abrem caminhos no espaço, delimitando um campo de atuação, o da paisagem (CERTEAU, 2014). Dito de outro modo, acreditamos que ali

“EXISTE ESPAÇO VACANTE

A SEMEAR DE PAISAGEM RETROSPECTIVA”

As caminhadas guiadas no centro histórico de São Luís estruturam leituras de mundo nas quais se exerce forte fundamentação histórica, oportunidades em que se tem na retrospectiva da paisagem um alicerce assegurado pela curiosidade provocada quanto à contemplação organizada dos lugares

¹ No decorrer do texto, sempre que utilizarmos fragmentos do poema em tela estes aparecerão entre aspas.

turísticos, para onde os olhares se dirigem devido aos atrativos históricos e patrimoniais e nos quais a cultura imprime representações sociais particulares (URRY, 2014).

Defendemos, de tal modo, que o centro histórico é um espaço vacante, como se tivesse para ser desfraldado pelos indivíduos através de experiências concretas. Isso não quer dizer que seja um espaço puramente subjetivo, sem objetividades a orientar as ações e os sentidos humanos enlaçados no curso de tamanha plasticidade. É, pois, um “espaço de engajamento”, um espaço necessário às pessoas que o buscam (BESSE, 2014). Assim, o turista pode ser compreendido como um corpo e uma mente dispostos, que, ao caminhar, faz surgir paisagens reveladoras da cidade. Percebemos, então, o turismo como uma atividade semeadora de paisagens. Nesta inscrição, os roteiros turísticos configurariam casos de um espaço semeado de paisagem retrospectiva.

Por tal perspectiva, a paisagem é operada como ferramenta educacional e procedimento estratégico (COLLOT, 2013). É através dela que a prefeitura, os guias de turismo, os professores e os institutos instigam as percepções dos seus assistidos, sujeitos ativos no processo de formação humana em que estão comprometidos. Mergulhando na retrospectiva da paisagem, acontecimentos passados são relatados e, dinamicamente, é possível capturar compreensões sobre a evolução do centro histórico. Contudo, é preciso estar atento para entender que São Luís apresenta uma configuração urbana marcada por sucessivos estágios de modernização e segregação, fruto do uso do território, aspecto fundamental dos processos de desenvolvimento de formação socioespacial brasileira (SANTOS, 1997).

Possuidora de geografias e histórias impressionantes, São Luís, capital do Estado do Maranhão, faz parte do nordeste brasileiro e localiza-se na chamada Grande Ilha do Maranhão, um complexo de municípios formado ainda por Paço do Lumiar, Raposa e São José de Ribamar. A capital é o município mais populoso do Estado e o 15º mais populoso do Brasil, realidade que apresenta estimativas de 1.108.975 habitantes e uma área total de 583,063 km² (IBGE, 2021). Aninhada entre as baías de São Marcos e São José, banhada pelo Atlântico Sul e pelos rios Anil e Bacanga, tratamos de uma cidade que faz reconhecer uma cultura intrinsecamente relacionada ao mar.

São Luís, a partir do período colonial brasileiro, viveu uma série de disputas territoriais, engendradas, sobretudo, por franceses, portugueses, holandeses e indígenas, condensando, até hoje, principalmente em seu centro histórico, traços desses povos, a exemplo do que se encontra na arquitetura, em toponímias e nas maneiras de comer, rezar e festejar. Conhecida inicialmente por *Upaon-Açu* – Ilha Grande na linguagem dos índios Tupinambás, nativos na região –, São Luís foi fundada em 1612 pelos franceses, e o seu nome – *Saint Louis* – presta homenagem ao Rei da França, Luís XIII. Naquela conjuntura, Daniel de La Touche, um nobre francês, comandara uma expedição àquela litoral incumbido da missão de fundar uma colônia com formas de uma *França Equinocial* (MARTINS, 2012).

Da empreitada francesa, demarcamos duas ações representativas no contexto da dita fundação: a realização de uma missa, rito físico e simbólico que consolidava o domínio territorial francês naquelas terras, e a construção de um forte, um marco na paisagem da Praia Grande, onde até os dias atuais funciona o Palácio dos Leões, sede do governo estadual (MARTINS, 2012). Sobre esta primeira ação, sublinhamos as funções desempenhadas pela igreja católica, um agente modelador do espaço atuante naquele processo de territorialização, mas também responsável pela modelagem na forma de pensar e agir das pessoas, como no caso dos índios envolvidos em investidas catequistas engendradas pelos jesuítas em tempos de domínio português.

Em 1615, os portugueses, com a ajuda dos espanhóis, em meio à batalha de Guaxenduba, expulsaram os franceses do Maranhão. Já em 1641, tais terras foram invadidas por holandeses, três anos mais tarde evacuados pelos portugueses (COSTA, 2016). Aqui ainda destacamos que, resultado dessas interações, o centro histórico desponta como o mais representativo parque arquitetônico produzido por portugueses na América Latina entre os séculos XVIII e XIX (BOGÉA, BRITO e PESTANA, 2007), no apogeu da economia maranhense, sustentada, em especial, pelas atividades algodoeiras do Estado do Grão-Pará e Maranhão.

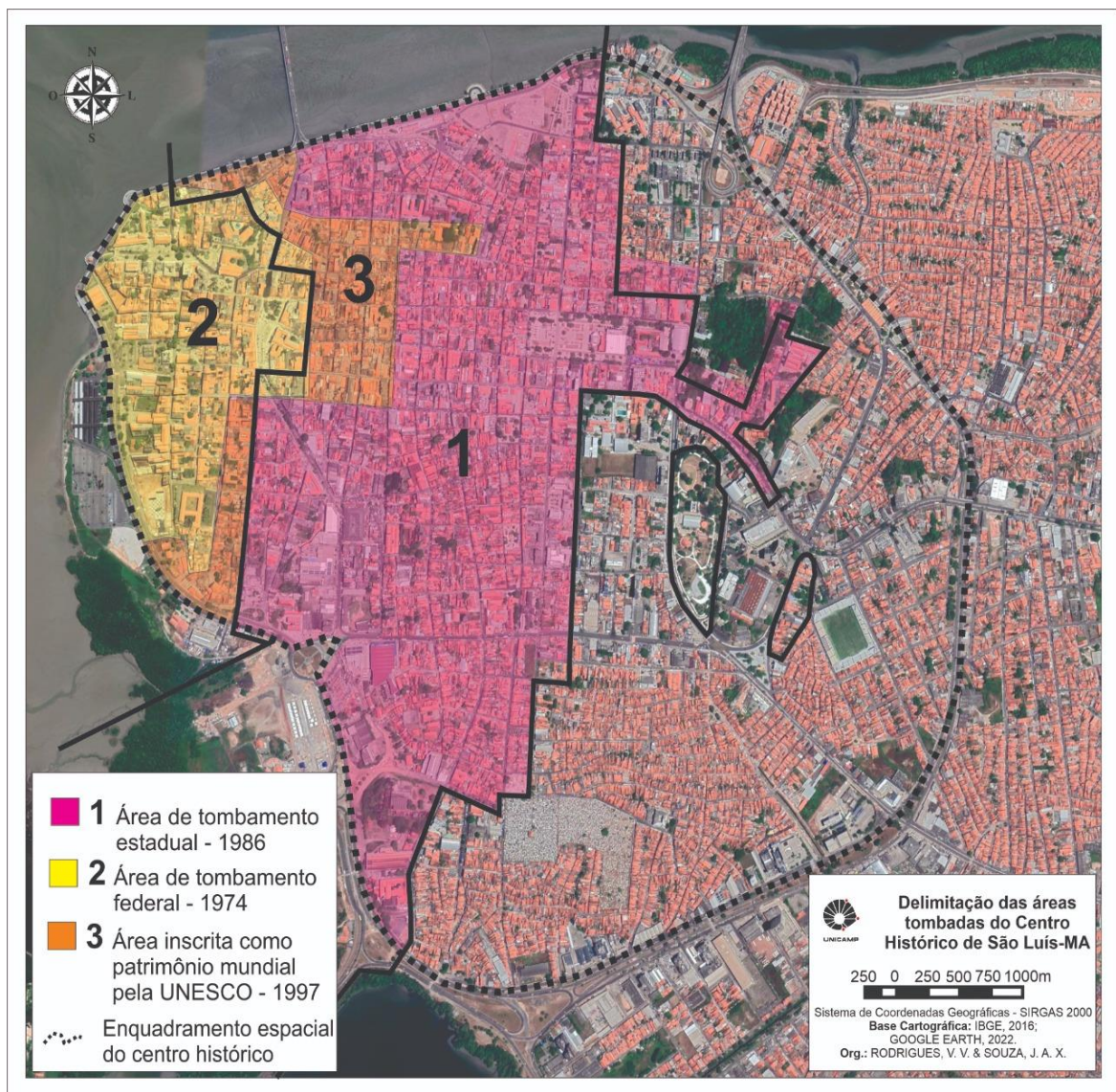
Este período significou, por parte da burguesia local, e do acentuado trabalho escravo, a edificação de um conjunto paisagístico excepcional, em parte revestido por azulejos portugueses, repleto de casarões, sobrados, expressivos palácios, escadarias, praças, becos e ruas, apelativo ao movimento retrospectivo da imaginação humana: o centro histórico; centro que passou por estágios de evolução e involução. Relativas a estes momentos, e aos seus caracteres europeus, lancemos luz às qualidades espaciais do centro histórico que o fizeram reconhecido como patrimônio histórico cultural, sem esquecermos que “ao mesmo tempo em que a patrimonialização dos lugares os torna visíveis para o turismo, põe em evidência as suas vulnerabilidades econômicas e socioambientais” (PAES, 2017, p. 16).

Debatido há tempos neste sentido, logo valorado em termos institucionais, pela potência que concentra em cerca de 220 hectares de extensão, 5.500 imóveis tombados, o centro histórico de São

Luíis foi compreendido como patrimônio cultural em diversas instâncias políticas e nas escalas municipal, estadual, federal e mundial, gerando desde então uma série de discussões sobre o preservacionismo do quadro urbano ludovicense (COSTA, 2016; LOPES, 2004).

O tombamento federal foi iniciado em 1955, com a inclusão das Praças Benedito Leite, João Lisboa, Gonçalves Dias e o Largo do Desterro. Os bairros da Praia Grande, Desterro e Ribeirão foram integrados a este em 1974, configurando o atual sítio tombado pelo IPHAN. Já o tombamento estadual ocorreu em 1986 e, em 1997, quando o centro histórico de São Luís recebeu o título de Patrimônio Mundial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Tais tombamentos (Figura 1) atribuíram novos valores à cidade, e, em especial, ao centro, incidindo na estruturação de novos simbolismos e imagens, induzindo visitas e narrativas diversas.

Figura 1 - Delimitação das áreas tombadas do Centro Histórico de São Luís-MA.



Fonte - Organização: Os autores, 2022, com base em Andrés (1998).

Por conseguinte, a seleção da arquitetura colonial pela política preservacionista do Estado e a valorização estética de um conjunto paisagístico e arquitetônico como identidade local (e nacional) exprimem uma escolha de significância, autenticidade e integridade, fazendo valer uma cultura determinada e distintiva, que oportuniza acesso à uma política de imagens que é, também, uma economia simbólica (GRUGISNKI, 2006).

Sabemos que o tombamento não assegura a preservação do centro histórico, sendo necessário, como assevera Costa (2016), medidas eficazes de preservação e perpetuação do conhecimento ali refletido. Daí, retornamos às caminhadas guiadas pelo centro histórico entendendo-as como eficazes mecanismos de aprendizagem coletiva, afinal, a cidade está, dialogicamente, o tempo todo a nos ensinar, “ali, onde o mapa se abre, a viagem começa” (SOUSA NETO, 2008. p.55).

Da análise da Figura 1, acrescentamos a informação de que a partir de 2011 a área federal de tombamento passou a coincidir com a área reconhecida pela UNESCO como patrimônio mundial, abrangendo cerca de 1.200 imóveis (COSTA, 2016).

Enfatizamos esse quadro de patrimonialização com a intenção de refletirmos acerca do “discurso autorizado do patrimônio” (SMITH, 2006). As compreensões de Smith (2006) sobre a natureza desse discurso demonstram que um conjunto de práticas sociais, culturais e históricas, fundamentado politicamente, pode levar à exclusão de patrimônios que não se enquadram em tal concepção. Isso quer dizer que a exclusão do patrimônio não-oficial pode gerar consequências na identidade do lugar, uma vez que, sob a alegação da preservação e dos papéis que o patrimônio deve desempenhar, as negociações com outros agentes públicos são dificultadas.

Estamos diante, portanto, de duas posições sobre o legado do patrimônio, sendo conveniente a crítica a respeito de ambas. Se, de um lado, ele soma nos valores da cidade, de outro pode proporcionar a exclusividade desses valores a determinados grupos. Quem pesquisa sobre a temática logo entende que “o campo de valores não é um mapa em que se tenham fronteiras demarcadas, rotas seguras, pontos de chegada precisos. É, antes, uma arena de conflito, de confronto – de avaliação, valoração” (MENESES, 2012, p. 38). Todavia, no que pese aos contrapontos, como ocorre em São Luís, o patrimônio enseja uma das grandes plataformas de significados estratificadas pelo turismo no mundo contemporâneo. Notadamente, percebe-se a cidade enunciando várias possibilidades. A paisagem é, pois, um dos seus mecanismos para tanto. Logo, ao pesquisador, é salutar entender:

“O VER NÃO VÊ; O VER RECOLHE FIBRILHAS DE CAMINHO, DE HORIZONTE”

Enquanto estivemos em retrospectiva pela paisagem do centro histórico, desviamos dos roteiros estudados, para (a)onde agora regressamos a fim de recolhermos um tanto do que vimos pelos caminhos horizontalizados pelos nossos corpos. Este movimento nos requisitou anotações, ainda que estas não tenham sido tão bem percebidas no ato (MILLS, 2009), mas, que, sem dúvidas, funcionaram como fios importantes “para um dia tecer tapeçarias, que são fotografias”: saberes e impressões de pesquisa sistematizados na configuração deste artigo, escrito na intenção de refletir São Luís.

Antes de avançarmos, cabe uma ressalva, talvez lembrança: as formas dos roteiros que apresentamos são como tipologias aproximadas, considerando que, em outras oportunidades, eles podem ter tido outros formatos temáticos.

O roteiro Segredos Históricos (Figura 2) é público e possui uma veia espetacular. É uma espécie de sarau ambulante, ou, como escutamos: “é mágico, coisa para turista ver” (turista 1). Para turistas e ludovicenses! Neste sentido, no seu aquecimento, comporta a apresentação de bandas, de grupos de bumba meu boi e de artistas outros. Conduzido por meio de um triciclo elétrico, o roteiro intercala a fala de um guia de turismo, a atuação de grupos musicais locais, a entonação de produções poéticas-musicais e a intervenção de lendárias personagens que povoam o imaginário da cidade, criando uma atmosfera que valoriza a “paisagem em retrospectiva”. Ademais, conta com interprete de libras e, nas oportunidades que o acompanhamos – a primeira delas, inclusive, no seu lançamento, em meio ainda às comemorações do aniversário de 409 anos da cidade de São Luís (2021) –, teve grande cobertura da mídia local. Promovido pelo governo municipal, estrategicamente, o “Segredos” tem seu início na prefeitura, dali percorrendo significativas ruas do centro, por um itinerário de pouco mais de 1 km.

Já os roteiros desenvolvidos por guias associados são privados e seguem uma lógica que combina os saberes dos guias e a necessidade da demanda contratante, variando temáticas, espaços visitados e distâncias percorridas. Como nas outras categorias de caminhadas guiadas pelas quais nos debruçamos, a Praia Grande é o ponto nodal das atividades e a componente histórica referencial dos serviços prestados aos turistas e ludovicenses ali, como nos confirmaram, em entrevista, os guias g1 e g2. Tanto é que o primeiro guia citado (g1) nos fez a seguinte indagação, e ele mesmo impôs pronta resposta: “o que nos vem à mente quando escutamos falar em São Luís? A imagem do centro histórico, da Praia Grande. Toda a sua beleza e história [...]”. Tão logo acenamos em acordo com a retórica pergunta, seguimos seus passos e palavras por cerca de 1,5 km.

Tocando às aulas de campo, esclarecemos que estas foram desenvolvidas no âmbito da Universidade Estadual do Maranhão, no curso de Geografia, por intermédio da disciplina Geografia do Turismo, motivo pelo qual o tema turismo se sobressaiu no transcorrer de aproximadamente 1,13 km. Sobre esta pauta, a professora 1, entrevistada por nós, explicou: “sempre trago os alunos no centro histórico. Aqui temos um espaço significativo para se tecer considerações sobre os efeitos do turismo na cidade, [...] seja em território, paisagem ou lugar, as coisas estão acontecendo aqui, e devem ser pensadas”. Deste ponto de vista, não obstante em grande parte do tempo não seja possível distinguir essas aulas de um roteiro propriamente turístico, percebemos os alunos com um poder de crítica e anotação bastante aguçado.

Figura 2 - Flyer de divulgação do Roteiro Segredos Histórico.



Fonte - Setur, São Luís (2021).

E em tom de crítica social, chegamos ao Caminho Ancestral (Figura 3), um trabalho que o Instituto Da Cor ao Caso vem desenvolvendo pela temática da ancestralidade. Este roteiro induz um caminhar

pelo centro histórico de São Luís de modo em que se valoriza a história e as estórias de homens e mulheres negras, escravizados, perseguidos pelas suas crenças e condições sociais, segundo apuramos com a promotora de cultura 1, uma das idealizadoras do roteiro, bem como testemunhamos em campo. Recém posto à rua – estivemos no seu lançamento em 27 de novembro de 2021 –, este roteiro tem ganhado novos formatos, tornando flexível os seus itinerários e focos. Das nossas experiências, caminhamos por seus guimentos por algo em torno de 1,5 km.

Figura 3 - Flyer de divulgação do Roteiro Caminho Ancestral.



Fonte - Instituto Da Cor ao Caso (2021).

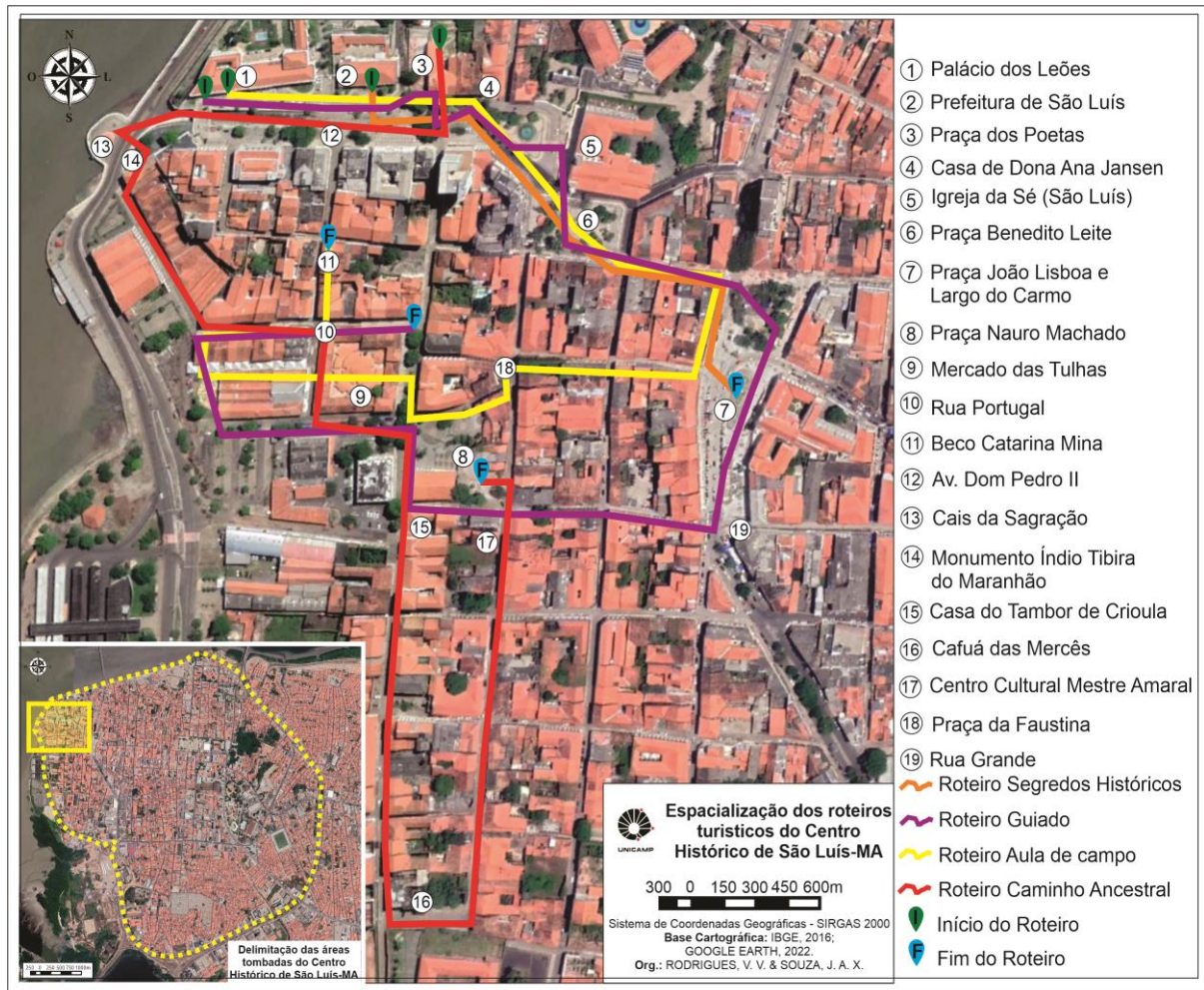
Com o objetivo de gerar uma “fotografia” panorâmica dos roteiros que acompanhamos, admitindo que não é possível reduzir as caminhadas pela cidade aos seus traçados gráficos (BESSE, 2014; CERTEAU, 2014; CARERI, 2013), apresentamos abaixo um quadro da referida espacialização (Figura 4).

Como se vê na Figura 4, do universo dos roteiros – identificados em seus pontos iniciais e finais pelas letras “i” e “f” e pelos traçados de cores laranja, lilás, amarelo e vermelho, respectivamente, no que se refere ao Segredos Históricos, aos roteiros desenvolvidos por guias associados, às aulas de campo e ao Caminho Ancestral –, a concentração e a repetição dos pontos de referência nos fazem reconhecer determinada verossimilhança da paisagem em termos de “caminhos privilegiados”: resultados e indutores de um campo psicológico que instiga emoções, expectativas e desejos, como apregoa Besse (2014, p.195) ao evocar a noção de “espaço hodológico”: “experimentado e praticado, é o espaço concreto da existência humana”.

As reflexões de Besse (2014) nos fazem pensar que, orientar-se pelo espaço dos quase vinte pontos de referência que assinalamos – ou até mais, nas mais variadas combinações de início e fim e

possibilidades que o centro dispõe –, fará surgir a cidade em espessuras de movimento, sentimental, um organismo fixo, mas também móvel, por isso difícil de capturar, pois “imagem que se mexe perturba e multiplica o objeto fotografado” (CERTEAU, 2014, p. 167). O ato de caminhar tem este poder: abre a cidade em largos horizontes, mas também em suas frestas. Registros fotográficos não faltam nos processos dos roteiros. Eles capturam a paisagem na sua rugosidade histórica, as belezas naturais e culturais, revelam as gentes da cidade e os problemas sociais, e, sem dúvida, ilustram o *selfie*, isto é, o eu na cidade, no centro histórico, *turistando*.

Figura 4 - Espacialização das caminhadas guiadas no Centro Histórico de São Luís-MA.



Fonte - Os autores (2022).

Um ser em busca de paisagens, mesmo que estas já sejam de seus conhecimentos e se saiba por onde se vai passar durante uma eventual viagem ou caminhada, o turista que ali uma vez esteve, esteve àquela vez. Portanto, numa nova oportunidade,

“A PAISAGEM VAI SER”

Os roteiros mencionados não seriam mecanismos que tingem a paisagem de cor? No processo das caminhadas guiadas, a cada frase dita, escutada, pergunta refletida, intervenção inesperada, olhar direcionado, a paisagem não ganha em sentido? Entenderemos que “a cor não se prende a superfícies”, mas é preenchida de sentido pelos estímulos ao corpo e à alma, fazendo do espaço paisagem, afinal, “o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial” (CERTEAU, 2014, p. 165). A experiência do caminhante faz com que a paisagem não tenha textura modelar: a

cada rua percorrida, igreja acessada, beco seguido, pessoas cumprimentadas, museus visitados, feiras experimentadas, o caminhante é municiado de retóricas que encontram equivalências na paisagem.

Imbuídos de nossas andanças e imaginadas retóricas exercidas pelo centro histórico de São Luís, sabendo que “o ato de caminhar provoca e gera o ato de escrever” (COVERLAY, 2014, p. 14), podendo, ambos os atos, revelar paisagens, infundimos mais cores a este trabalho. As figuras que se seguem, somadas às nossas anotações, nos auxiliarão nesta tarefa. Não é demais lembrar, elas também elucidam a coisa transformada do contato que estabelecemos com cada significante espacial em campo. A coisa é, também, todas as palavras que aqui reunimos de modo pretensamente reflexivo, um “tapete”, por essência científica, assentado e deslizante.

Indo e retornando em discussões chaves, assim como são saltitantes os roteiros, porque selecionam pontos determinados do espaço, retornamos às caminhadas guiadas. Começamos, mais uma vez, pelo Segredos Históricos, roteiro que tão bem colore os caminhos e percepções das pessoas e, num jogo de passos e cenas, (re)faz, ao (re)apresentar, a paisagem do centro histórico da Prefeitura até o Largo do Carmo (Figura 5), descendo, algumas vezes, à Praia Grande.

Figura 5 - Registros do roteiro Segredos Históricos.



Fonte - Os autores (2021).

Realizado a céu aberto, o Segredos Históricos faz valer, como já sinalizamos, um tipo de sarau que possui uma ludicidade espetacular, tendo na cidade, na sua paisagem, e na personalidade de alguns dos seus antigos e notáveis habitantes a base do seu desenrolar. Similar ao Passeio Serenata, roteiro desenvolvido na mesma área do centro histórico pela Secretaria de Turismo da administração municipal anterior (SÃO LUÍS, 2020), podemos afirmar que o Segredos Históricos é uma adaptação desse primeiro.

Em entrevista com um agente da Secretaria de Turismo de São Luís², pudemos constatar determinada preocupação quanto à difusão da imagem turística da cidade em suas facetas cultural, patrimonial e educacional. Neste sentido, com relação especificamente ao roteiro Segredos Históricos, o agente de turismo 1 nos disse que o percebia como “uma política de paisagem urbana espetacular, de cunho hospitaleiro, posto à rua a fim de informar e alegrar turistas e ludovicenses, funcionando como um evento calcado sob as noções de experiência turística e patrimônio local”. Assim sendo, caminhar e descobrir a história cidade exprimiria a noção de segredos históricos.

Pura magia. Essa foi uma das expressões que mais escutamos ao acompanhar o Segredos Históricos, e muito por conta da teatralização dos personagens que o roteiro destaca com relação à cidade e ao Maranhão. A saber, durante a caminhada passeio as personagens irrompem na paisagem e, sob um tablado de madeira, de modo mais ou menos interativo, pronunciam narrativas a respeito de si mesmos e das vivências que tiveram em outrora. Na Figura 5 apontamos as personagens Daniel De La Touche, Pregoeiro, Dona Ana Jansen, Maria Firmino e Catarina Mina.

Em suma, Daniel de La Touche, o senhor de La Ravardière, é considerado o fundador de São Luís pela história oficial. O Palácio La Ravardière, hoje sede do governo municipal, tem este nome em sua homenagem. Há um busto em frente ao Palácio que explicita esta referência. O Pregoeiro é um tipo de vendedor ambulante que atravessou ruas e atravessa décadas naquela realidade. Dona Ana Jansen foi mulher bastante conhecida, de um lado, pelos bens que acumulou e pela perversidade que exercia contra seus escravizados e, por outro, por ser considerada uma mulher bem-sucedida, influente politicamente, sendo considerada, portanto, além do seu tempo. Maria Firmino dos Reis, estimada a primeira romancista brasileira, fez da sua obra um instrumento de crítica à escravidão, se destacando com o romance *Úrsula* (1859). Já Catarina Rosa Pereira de Jesus, a Catarina Mina, era uma negra escravizada, comerciante de farinha na Rua do Trapiche, que, por sua beleza, dizem ter encantado os homens dali, tornando-se, assim, influente, e de modo a fazer fortuna e comprar a sua alforria e de pessoas próximas. Hoje, o beco de Catarina Mina é um dos pontos mais visitados no centro histórico de São Luís.

São variadas as reações das pessoas com relação ao Segredos Históricos, de tal maneira que diríamos que ali se alcança uma geografia poética, magnética, conforme trata Certeau (Op. cit.), quando indaga o que e para onde soletram nossos passos pela cidade. Baseados neste autor, afirmamos que o Segredos Históricos nos fornece três dispositivos simbólicos organizadores dos *topoi* quanto à discursos sobre/da cidade: legenda, lembrança e sonho. São dispositivos que, para além da sistematicidade urbanística, habitam a cidade e a tornam habitável, evocam lendas, dão curso às lembranças como presenças das ausências e, na espessura dos movimentos, mexem com as nossas fantasias.

Menos pomposos, os roteiros guiados por profissionais associados, além de igualmente fazerem uma imersão em retrospectiva pela paisagem, entre o Palácio dos Leões e a Rua Portugal (Figura 6), também tentam provocar uma atmosfera poética. Quando entrevistamos o guia de turismo g1, uma das reflexões que o solicitamos tinha a ver com o seu slogan de trabalho – “guiar é minha arte” –, ao que ele colocou: “nós somos promotores de olhares sobre a cidade. Por isso eu tenho que saber para encantar as pessoas. Penso que isso é arte”. E, saibamos, o encanto está intrinsecamente relacionando à paisagem, espaço materializado e tornado simbólico, destacando-se dali representações que se quer impor.

² Gestão Eduardo Salim Braide, Prefeito pelo Podemos (2021-2024).

Essa sensação de que caminhando no processo do roteiro se encanta as pessoas pela paisagem nos ocorreu durante os trabalhos de campo realizados tanto com g1 como com a guia g2. Mencionemos um caso. O fato de os guias discorrerem sobre o centro histórico como patrimônio mundial da humanidade, apontando o dedo para algumas formas urbanas, despertava ainda mais a curiosidade dos turistas. Em tais contextos, se fazer do “discurso autorizado do patrimônio” (SMITH, 2006) funcionava como um ato que oportunizava mais autoridade ao próprio roteiro, porque daí se via e ouvia que o guia falava com propriedade de onde se estava. Nessas oportunidades, acompanhamos um roteiro realizado por um grupo formado por famílias e amigos vinculados à uma igreja situada em São Luís – turistas nas suas cidades – e um grupo de turistas de Minas Gerais.

Figura 6 - Registros dos roteiros guiados por associados.



Fonte - Os autores (2021).

Outro roteiro interessante se deu pelas aulas de campo, já citadas por suas origens e posicionamentos críticos, que percorreram um itinerário entre o Palácio dos Leões, atravessando a Feira da Praia Grande, até o beco Catarina Mina (Figura 7).

Essas foram aulas que tiveram uma liderança docente, mas que contaram com as intervenções de professores convidados e de um guia de turismo, bem como dos próprios alunos, ao que avaliamos

como um modelo de ensino e aprendizagem que potencializa os olhares sobre uma paisagem não tão fácil de ser decifrada. Se caminhando se faz a paisagem, talvez o fato de os alunos moradores de São Luís já possuírem vivências de centro histórico os projetaram mais interventores no roteiro do que os alunos que residiam em outras cidades. Estes últimos, frente àquela formação socio-espacial que tinham como tarefa compreendê-la em associação com o turismo, entre constatações das desigualdades sociais e os benefícios econômicos da atividade, aparentemente, levavam um tempo maior para estruturar tal quebra-cabeça espacial.

Figura 7 - Registros dos roteiros de Aula de Campo.



Fonte - Os autores (2021).

Um quebra-cabeça é o que é a paisagem do centro histórico, como pode ser traduzido em uma aula de campo ou por meio de um roteiro turístico, como percebemos no desenvolvimento do Caminho Ancestral (Figura 8), que elege a ancestralidade negra enquanto temática para contar a cidade entre a Praça dos Poetas e o Centro Cultural Mestre Amaral. Cumpre salientar que semelhante ao trabalho realizado pelo Caminho Ancestral, no âmbito do centro histórico de São Luís, o Caminhos de Negros diz respeito a um roteiro turístico criado no intuito de apresentar a história e a memória negra na perspectiva do protagonismo, da participação ativa quanto ao legado cultural, arquitetônico e histórico empreendido, e não focado no sofrimento das pessoas negras durante a escravidão (LOBATO e FERREIRA, 2021).

Do roteiro Caminho Ancestral, destacou-se histórias que nos envergonham e nos orgulham enquanto sociedade. Como vergonha, retratado pelo monumento que aparece ao fundo do Quadro 3 da Figura 8, citamos a execução a tiro de canhão de um índio tupinambá, o chamado Tibira do Maranhão, em 1614, tido como o primeiro caso documentado de morte por homofobia no Brasil. Já entre os casos de orgulho que escutamos, citamos o que mais nos marcou, a história de vida de Maria Firmina dos Reis, que escreveu: “A mente, essa ninguém pode escravizar”.

Figura 8 - Registros do roteiro Caminho Ancestral.



Fonte - Os autores (2021).

E aqui desejamos, ao escrevermos depois de caminhar, quem dera esta seja um dia uma mensagem aprendida por todos nós, e apreendida pela nossa paisagem:

“PAISAGEM, PAÍS FEITO DE PENSAMENTO DA PAISAGEM, NA CRIATIVA DISTÂNCIA SPACITEMPO”

São Luís, na figura do centro histórico, cidade colonizada e influenciada por estrangeiros, carrega na geodiversidade de suas “pedras patrimoniais” o drama do povo africano (NASCIMENTO, PÃOZINHO e RABELO, 2021). A cidade, hoje, ao admitir tal história, sabe e faz turismo com esta matéria. É o caso do trabalho realizado pelo roteiro Caminho Ancestral, que, pela paisagem, reconhece “quando as coisas existem com violência, mais do que existimos”.

Clamando reflexão, porque elas “nos povoam e nos olham, nos fixam”, onde mais, se não na paisagem, as coisas parecem gritar por nós? Fixar a atenção. Não os pés. Abrir os olhares do pensamento. Caminhar, ter paisagem, e pensar, constituindo, assim, uma experiência de “pensamento paisagem”, sintagma pelo qual Collot (2013, p. 12) defende que “a paisagem provoca o pensar e que o pensamento se desdobra como paisagem”.

Um caso emblemático de retroalimentação do “pensamento-paisagem” em meio às caminhadas guiadas no centro histórico de São Luís pode ser alcançado pelo discurso da personagem pregoeiro, integrante do roteiro Segredos Históricos, conforme escutamos em 15 de setembro de 2021, agora reproduzido em texto:

São Luís, velha catita, minha cidade bonita e esquisita, que imita as irmãs de Portugal. Foste a cidade marcada, para ser um dia sonhada, capital ambicionada da França Equinocial. Cidade que eu amo tanto, que derramo em cada canto minha ternura por ti. Tu és meu filão sem canga, minha cidade miçanga, que os rios Anil e Bacanga te cingem como uma tanga de caboclinha tupi. São Luís de mil ladeiras, de lindas moças brejeiras, de verdejantes palmeiras, onde canta o sabiá, da procissão do bendito, meu Senhor São Benedito, do gostoso peixe frito, e do arroz de cuxá. São Luís das marés baixas, que expõe croas, que são faixas onde habitam o camarão, das belas e extensas praias, rendadas por cambraias, em pé de exposição; são elas de uma cadeia: Olho D’água, Ponta D’areia, São Marcos, Araçagi, sem incluir a da Guia, que é por onde principia o Porto de Itaqui. Teus ocasos grandiosos, dolorosos, assombrosos. Tem tanto calor e luz, que a gente fica pensando que o sol ruga agonizante; vai mesmo todo na Baía de São Marcos, cheia de velas de barcos: brancas, vermelhas, azuis; de velas triangulares, elegantes, singulares, garbosas, subindo os mares aos ventos porque as conduz. São Luís, velha catita, minha cidade bonita, debruçada sobre o Anil. Podem julgar de mendiga, desairosa, rapariga. Mas pra mim, minha amiga, não há ninguém que consiga conter-me, ao impedir que eu diga: **eis a melhor do Brasil**.

O negrito imposto nas palavras acima tenta imitar a acentuada entonação da voz da personagem, o que culminou em muito aplausos, seguidos da retomada do som do violão para que o roteiro voltasse a serpentear as ruas do centro naquela oportunidade. Mas refletimos, as palavras do pregoeiro não estavam prenhes da paisagem de São Luís? Elas tocam às nossas formas de pensar e, quiçá, teriam a capacidade de mexer com os nossos pés? O turista não é fisgado pelo o que de paisagem lhe chega ao pensamento e pelo o que de pensamento tem na paisagem? Se as respostas forem sim, talvez isso queira dizer que:

“SOMOS A PAISAGEM DA PAISAGEM”: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existe a paisagem. Ela se faz caminhando pelo espaço. Ao retornarmos à hipótese refletida até aqui, compreendemos que, real ou representada, a paisagem consiste numa expressão humana dinamizadora de tramas culturais, sociais e midiáticas. A paisagem tem por carácter revelar e abrir o mundo, instigando experiências sensíveis. Diante da polissensorialidade própria das experiências paisagísticas, a exemplo das caminhadas guiadas, e da polissemia do conceito de paisagem, leiamos a paisagem pelas vias da representação social, realidade mental, modo de pensar e perceber. Sendo assim: “a paisagem não existe [...]. Não existe em si, mas na relação com um sujeito individual ou coletivo que a faz existir como uma dimensão da apropriação cultural do mundo” (BESSE, 2014, p. 12-13). É daí então que reconhecemos: “somos a paisagem da paisagem”.

Ao estudarmos as caminhadas guiadas no turístico centro histórico de São Luís por variadas categorias, empreendemos e aprendemos, caminhando, sobre o “espaço da paisagem”, espaço “daquele movimento ou daquele ímpeto que se desdobra e institui um mundo” (BESSE, 2014, p. 193). Há no referido movimento algo de expressamente lúdico: preenche-se a paisagem como o próprio corpo e o corpo responde aos cheios e vazios da cidade (CERTEAU, 2014), seja a cidade na sua forma arquitetônica, marcada na história, dada pela paisagem em retrospectiva, tombada como patrimônio, dita por um guia de turismo ou por um professor, apreciada pelo turista ou contestada pelo aluno, seja a cidade que são as pessoas. Em referência às pessoas que escutamos, de modo geral, podemos afirmar que estas cultivam uma preocupação alinhada com a noção de patrimônio urbano histórico, associada a projetos de preservação da paisagem do centro histórico.

Notadamente, neste trabalho, tentamos lembrar que, em geografia e turismo, ao envolver patrimônio cultural, em respeito às pessoas dos lugares visitados, é importante não esquecermos:

As paisagens que produzimos também nos representam, pois são portadoras de nossa identidade simbólica, patrimônio coletivo de significação histórica e política localizada, fragmento da totalidade do espaço que permite que o tempo, ou a memória, se cristalice, dando-se a nós para interpretação. ***Tão dinâmica quanto nós, a paisagem é um caleidoscópio imprevisível que nos retrata em formas***, subjetividades e simbolismos (PAES, 2017, p. 15).

Tomando tal conhecimento como lição, gostaríamos, finalmente, de dizer que este artigo é dedicado ao centro histórico de São Luís: paisagem que se deu à nossa interpretação, por onde, não raro, trilhamos caminhos de formação humana e geográfica.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- ANDRÉS, L. P. C. C. **Centro Histórico de São Luís do Maranhão**: patrimônio mundial. São Paulo: Audichromo, 1998.
- BESSE, J.M. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BOGÉA, K. S.; BRITO, S. R. S.; PESTANA, Raphael Gama. **Centro Histórico de São Luís**: Patrimônio Mundial. IPHAN, São Luís, 2007.
- CARERI, F. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- COLLOT, M. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.
- COSTA, A. K. F. **Ações educativas e práticas preservacionistas no Centro Histórico de São Luís no período de 1995-2008**. São Luís: EDUFMA, 2016.
- COVERLAY, M. **A arte de caminhar**: o escritor como caminhante. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014.
- GRUZINSKI, S. **A guerra das imagens**: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492 – 2019). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil/Maranhão/São Luís. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/sao-luis.html>. Acesso em 18 jan., 2022.
- LOBATO, A. F. M; FERREIRA, L. B. Caminhos de negros: a história da presença negra no Maranhão contada por meio de um tour pelo Centro Histórico de São Luís. **Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR**, Penedo, v. 11, n. 2, p. 226-246, 2021. Disponível em <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/11974/9361>. Acesso em 20 dez., 2022.
- LOPES, J. A. V. **Capital Moderna e Cidade Colonial**: o pensamento preservacionista na história do urbanismo ludovicense. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- MARTINS, A. **São Luís**: fundamentos históricos do patrimônio cultural – Séc. XVII, XVIII e XIX. São Luís: Sanluiz, 2012.
- MENESES, U. T. B. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: SUTTI, Weber (Coord.). **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural**: sistema nacional de patrimônio cultural. Desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão. Brasília, DF: Iphan, 2012.
- MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- NASCIMENTO, M. A. L.; PÃOZINHO, F. C.; RABELO, T. O. Um olhar sobre a geodiversidade no Centro Histórico de São Luís (MA). **Patrimônio em pedra**. In: DEL LAMA, E. A. (Org.). São Paulo: Instituto de Geociência da USP, CAPES, CNPq, FAPESP, 2021.

PAES, M. T. D. Gentrificação, preservação patrimonial e turismo: os novos sentidos da paisagem urbana na renovação das cidades. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. 3, p. 667-684, dez. 2017. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2017.128345>

SÃO LUÍS, Secretária Municipal de Turismo. **Revivendo o turismo em São Luís**: políticas públicas municipais no período de 2013 a 2020. Maria do Socorro Araújo (Org.). São Luís, 2020.

SANTOS, M. A formação socioespacial como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**. N° 54, 1977.

SMITH, L. **The uses of heritage**. Routledge: New Edition, 2006.
<https://doi.org/10.4324/9780203602263>

SOUSA NETO, M. F. **Aula de geografia e algumas crônicas**. Campina Grande: Bagagem, 2008.

URRY, John. **La mirada del turista**. Lima: Universidad de San Martín de Porres (serie Turismo y Sociedad, 2), 2004.

WALL, M.; BRAGA, I. Indicador para Avaliação do Estado de Conservação de Sítios Urbanos Patrimoniais: o caso de São Luís do Maranhão. **III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto**: uma construção coletiva. São Paulo, 2014.

Recebido em: 13/09/2022
Aceito para publicação em: 31/01/2023